
APRESENTAÇÃO

"O que seria do mundo sem as coisas que não existem?". A frase está numa placa carregada por Antonio Abujamra. É uma frase numa foto; uma foto que transmite um gesto, uma cena, uma intervenção. Uma provocação? Apenas por alguns instantes, paremos: miremos essa pergunta. Vale a pena esticá-la, distendê-la, desmembrá-la. O que seria do mundo — do mundo das frases, das palavras sem mundos, das imagens, das histórias — sem as coisas que não existem? Num mundo saturado de representações, num mundo em que o excesso — e a violenta falta — de possibilidades atordoia, ronda e abala a saúde mental de tantos, vislumbrar outros mundos gera uma fresta.

As fabulações, então, são respiros diante da distopia presente, pequenos alvéolos de especulações por outros mundos, por formas de uma utopia que possa, ao menos, propiciar o prazer do texto, o prazer da cena e da imagem. Mais: as ficções especulativas desafiam o campo teleológico, violento e catastrófico que marca e macula boa parte da ficção científica. Há uma epistemologia que se insurge, e é preciso estar atento a ela. Ela possui um chão e raízes decoloniais, mas se ramifica, sem ter receios de sonhar com mundos ainda por vir.

A proposta deste dossiê temático é abrigar artigos que analisem fabulações e cenas especulativas, atentas às histórias alternativas aos arquivos oficiais. Afrofuturismo e ficções científicas, perspectivismos ameríndios e multinaturalismos, realidades mais-que-humanas, narrativas não-humanas, viradas animais e cosmologias decoloniais recebem uma atenção especial para esta edição. Trata-se de um paradigma emergente, em consolidação, que revisa criticamente modos mais oficiais, realistas e canônicos de narrativa nas artes e na literatura. Se, segundo Saidiya Hartman, os arquivos de vigilância são incapazes de abarcar a história da pulsão das vidas rebeldes dos guetos negros, a ficção especulativa revela-se como uma fonte, uma forma de escrita histórica que não se conforma com a violência e violação das narrativas hegemônicas. Mundos futuros, mundos em ruínas e lacunas ensinam, portanto, narrativas que propõem outros mundos.

Há, nos seis artigos que agora ofertamos ao leitor, obras de caráter comparatista, que situam suas análises nas fronteiras ou na fricção de linguagens, como o cinema, a literatura, as artes dramáticas, a cultura pop, as séries de TV e as artes visuais. Encontramos análises sobre obras clássicas, como *Kindred*, de Octavia Butler, um romance considerado um dos grandes momentos de encontro entre a estética afro-futurista e a ficção especulativa. Há inquietações com a irrupção da inteligência artificial, por seu viés eurocêntrico. Além de uma análise de um romance como *O som do rugido da onça* que, fábula prima e parente das onças de Guimarães Rosa, nos faz especular o passado para ferir melhor nosso tempo presente. O cinema, os mitos e a narrativa ameríndia, as lutas coloniais em Moçambique e uma revisão crítica de *Admirável Mundo Novo* — é vasto o mundo das ficções especulativas e propicia boas pontes, com tantos tempos, entre muitos cosmos. Espreitemos, portanto, o fabuloso mundo das coisas que (ainda) não existem.

A quem se aventurar por esse dossiê, desejamos uma boa leitura.

Pablo Gonçalves Martins

André Luís Gomes